



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **JOVENS NEGRAS PRODUTORAS DE CULTURA**

Anna Christina de Queiroz Rodrigues (autor); Jeyssi Luiza Nascimento Santos (co-autor); Maria Everlane de Moraes Lima (co-autor); Rosiane Gomes dos Santos (co-autor)

*Universidade Federal de Alagoas, [anna.rodrigues@proex.ufal.br](mailto:anna.rodrigues@proex.ufal.br)*

**Resumo:** O artigo tem por objetivo promover os primeiros resultados do projeto de extensão Jovens Negras Produtoras de Cultura, ligado ao Núcleo de Estudos Afro-ameríndios Brasileiros (NEAB/UFAL) que pretende empoderar jovens mulheres negras, iniciando com as alunas envolvidas no projeto, no sentido de que as mesmas tomem posse de suas habilidades artísticas e trabalhem como multiplicadoras de conhecimento na linguagem artística que já atua. A ideia inicial é pensar com as alunas sobre essa jovem negra e suas lutas, através de pesquisas sobre o movimento negro e o feminismo, para elas se auto-afirmarem apesar das dificuldades cotidianas. Ainda começou-se o aprendizado sobre a oportunidade de gerir suas vidas, através de seus trabalhos artísticos, e serem multiplicadoras de produção e empoderamento. Considerando que Maceió é a capital com a maior taxa de feminicídios no Nordeste, perde apenas para Vitória nacionalmente (IBGE, 2016), vale ressaltar que mulheres negras estão em empregos precarizados, com salários baixos, triplas jornadas de trabalho, carência de creches e escolas para os filhos, e essas questões de empoderamento e liberdade são gritos cada vez mais levantados. A Universidade precisa cada vez mais intervir para possibilitar que mais vozes femininas negras se firmem, fortes e preponderantes socialmente. A profissionalização de produtoras, ampliando o mercado de trabalho e as vagas de técnicos na cultura, são fundamentais. O projeto visa a formação de novas profissionais que busquem a ampliação de caminhos para cultura negra, sem perder a visão do global, mas atuando em suas localidades de origem. Palavras-chave: Produção Cultural, Juventude, Negra, Feminino, Empoderamento.

### **Introdução**

Pensando na jovem negra e suas lutas como foco, o artigo visa contextualizar a cultura negra e as linguagens artísticas na vida atual, através das descobertas das estudantes do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) participantes do projeto Jovens Negras

Produtoras de Cultura, cadastrado como extensão da Ufal, participante do Edital de Ações Afirmativas Zumbi e Maninha Xucuru-Cariri, do Núcleo de Estudos Afro-ameríndios Brasileiros (Neab/Ufal). Em sua primeira etapa, o projeto realizou pesquisas bibliográficas a respeito do movimento negro e o feminismo, discussões



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sobre a cultura negra, desde a autoafirmação até as dificuldades cotidianas, sobre a questão do feminino num mundo machista, desde os costumes tradicionais de dominação, passando pela violência doméstica, cultura do estupro e o feminicídio.

Como a palavra de ordem é empoderamento e ela não se constrói sem educação, o projeto pensa na capacitação dessas jovens a partir de suas próprias vivências, possibilitando que as mesmas tenham força para mudar as suas realidades sozinhas, autônomas e livres de julgamentos e valores que as denigrem ou dominam.

### Metodologia

Durante uma reunião do projeto, quando as oito integrantes começaram a relatar casos de suas vidas onde demoraram a entender o que se passou e que o fato era que foram abusadas. Cada uma em um lugar de fala, as jovens foram relatando fatos corriqueiros ou que realmente marcaram suas vidas e de certa forma a fizeram levar a experiência aquele encontro.

Esses relatos trazidos ao artigo tal qual foram contados, pontuam a vida de machismo

e controle que as jovens passam em seu cotidiano. E a partir dos relatos o artigo traz o que o projeto estudou na primeira etapa.

### Resultados e Discussões

Pode parecer um fato irrelevante para quem está lendo, mas se começa a pensar no cabelo como forma de afirmação de uma raça e de um poder. É o apresentado no primeiro relato:

#### *Relato 1: Ione*

*“Aconteceu a pouco tempo, exatamente no dia em que apresentei pela primeira vez o Projeto Jovens Negras Produtoras de Cultura para a Universidade. Naquele dia, como estava fazendo calor, preni o cabelo e na volta para casa soltei. Quando descii do ônibus percebi que um carro se aproximava, parei, esperando que o mesmo passasse. Então, o motorista desacelerou, passou perto de mim e gritou: cabelo bombрил, acelerando logo o carro e saindo em alta velocidade. Fiquei paralisada, sempre houve em mim o sentimento de acolhimento dos meus pais, da minha escola e de minha comunidade, não esperava, por mais que pareça pouco um comentário desse dirigido a mim. Era tão irreal que cogitei olhar para trás para ver se era comigo mesmo. Ainda em choque, retomei meu caminho para casa”.*

Quando Angela Davis se torna um ícone da negritude dos Estados Unidos na década de 60, com seus cabelos black, não se entende ainda como isso iria influenciar a geração



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

atual na forma de pensar no cabelo afro como identitário. Como afirma Silva e Braga (2015), socialmente a mulher negra é levada a usar o alisamento como forma de tornar-se aceita, além de todo um comércio estético que sustenta esse fator:

Sabemos, no entanto, que os padrões normativos brancos do capital, é submisso a uma indústria mercadológica que lucra no seu trabalho de tentar sucumbir essa identidade negra por meio de tratamentos químicos para alisar o cabelo (SILVA e BRAGA, 2015, p. 6).

Ainda sobre o impacto que o cabelo da mulher negra pode causar socialmente e quantas portas podem ser fechadas apenas pelo fato de manter o cabelo afro como é, o segundo relato manifesta a falta de tato social e de empoderamento da própria mulher quando a liberdade do seu visual. O poder do visual e a força do preconceito vem a ser a base para o próximo relato:

### *Relato 2: Everlane*

*“Quando comecei a ir a entrevistas para ensinar em escolas particulares fui indicada por uma amiga para ir a uma escola num bairro de periferia. Marquei a entrevista por telefone, com uma mulher bem receptiva e educada. Chegando lá fui encaminhada para uma sala para falar com a diretora da escola. A primeira coisa que notei foi o olhar de repúdio da diretora e a fala como se estivesse completamente desinteressada na conversa. Enquanto conversávamos o*

*olhar de recusa ia ficando claro e quando me retirei senti a análise dela sobre mim. Não houve resposta quanto ao emprego, mas nem precisava pois sabia que não ia ser chamada. A amiga que me indicou me encontrou depois de um tempo e ela disse que estava trabalhando lá e que a diretora falou com ela sobre mim, sem saber que éramos amigas. Ela me ofendeu, falou do meu cabelo, da minha cor, que uma professora de balé não podia ser como eu. E então colocou um padrão, o cabelo deve sempre ser um coque, não tinha que ter tatuagens, tinha que ser branca, preta não combina com maiô rosa. E ainda pontuou que influência essa professora ia ter nas alunas. Esse preconceito dela é aquele com que lutei sempre, ou aliso o cabelo ou mudo de profissão, pensei que tinha superado, mas ainda me deparo com essa situação diariamente”.*

O ponto então deixa de ser o cabelo em si, mas a imagem que esse cabelo impõe. O padrão europeu que o Brasil adota tão avidamente na dança e a marginalização de quem não está nesse padrão. Como afirma a pesquisadora Nadir Nobrega (2005), sobre o corpo negro e a dança:

Um corpo que a tradição ocidental desenhou como apropriado apenas para o trabalho, convencionalmente representado com depositário de qualidades e sentidos negativos e desprestigiados, reinscreve a diferença com dignidade e altivez, impondo-se como signo da individualidade (2005, p. 63).

Esse corpo escravo, negro, marginal, dança, representa, e atua em lugares antes ocupados por brancos. E fazem diferença



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sempre que conseguem. Sobre profissão e negritude, o relato a seguir monta uma história de ensino e preconceito:

### Relato 3: Jeyssi

*“Aos 20 anos, já no segundo ano da graduação no curso de Ciências Sociais na Unesp, ingressei no meu segundo estágio em uma escola privada de ensino primário ao fundamental, como monitora recreativa, responsável pela turma de alunos que ficavam no período integral. Observei que não haviam professores nem monitores negros, e apenas um aluno negro, que era da minha turma. Um dia um casal de irmãos gêmeos, de 6 ou 7 anos, me abraçaram meio sem jeito e falaram: “Nossa tia como você é cheirosa!”. Eu fiquei sem entender e perguntei o porquê. A resposta me assustou: “Meu pai disse que você e o coleguinha (o único negro da turma), tem a pele suja e que vocês fedem”. Entre risos os dois ainda afirmaram que eu era cheirosa mas o colega não era. Eu os abracei e disse que eles sempre poderiam me abraçar e sentir meu cheiro, e que o colega também era cheiroso, porque ele também gostava de tomar banho. A vontade de falar com os pais dessas crianças foi calada pela situação, ele era um dos médicos chefes do hospital onde minha mãe trabalha. Senti medo, raiva, me senti, um lixo, impotente. Porém todos os dias eu os abraçava e fazia questão de mostrar que a cor da pele não importava, que éramos diferentes e isso era bom, com o tempo percebi que o coleguinha foi aceito entre eles e com interação eles conseguiram entender que não somos pessoas sujas por ter a pele negra”.*

Interessante notar o que vai se consolidar nos próximos relatos é que esse preconceito começa na infância, passado normalmente pela família, e se agrava ao longo dos anos deixando marcas. Marcado o papel da escola nesse envolvimento com o preconceito, ainda é muito explorado e confuso pelo país. Como afirma Nina Gomes (1996), a escola deve tornar uma prática pedagógica a luta por direitos igualitários:

Ir contra a discriminação racial e de gênero que se manifesta explicitamente nas práticas pedagógicas é uma tarefa difícil. Porém, a visibilidade de uma ação discriminatória possibilita uma reação explícita, inclusive, apoiada na lei (Gomes, 1996, p. 1).

Na realidade ainda há muito o que se pesquisar e aderir na escola. Quanto a situação escolar, o relato a seguir mostra o quanto ainda está rastejando esse diálogo:

### Relato 4: Rosiane

*“Senti necessidade de contar um fato que aconteceu comigo na época de escola. Comecei a estudar tarde e quando tinha 12 anos, as colegas de turma começaram a rir de mim, colocaram apelidos do tipo: nega feia, cabelo de bucha. Já era pobre e atrasada nos estudos, as ofensas me machucavam muito, me prejudicando psicologicamente, fazendo com que me fechasse de tal forma que durante todo o tempo escolar não tinha amigas de escola. Um fato que não sai de minha memória no início do ano letivo, não tínhamos dinheiro para comprar o material escolar, então juntei meus antigos cadernos e tirei as*



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

*folhas limpas fazendo um improvisado para não faltar às aulas. Minha mãe reclamou, mas fui assim mesmo, nunca me arrependi, pois queria aprender, mas ficou marcado o que passei naquele dia. As meninas perguntaram: cadê seu material?. Eu continuei calada, então elas disseram: só podia ser preta e pobre. Continuo estudando para mostrar que meu espaço é esse, que eu posso!”*

Na escola a criança passa a maior parte de sua vida diária, não poder contar com esse parceiro para as lutas de preconceito e de gênero sempre forma cidadãos sem noções básicas de respeito e diálogo. Ainda citando Gomes (1996), que apesar da fala estar situada nos anos 90, ainda é lugar contemporâneo:

Falar em relações raciais, de gênero e de classe, discutir as lutas da comunidade e das mulheres negras e dar visibilidade aos sujeitos sociais não implica em um trabalho a ser realizado esporadicamente. Implica em uma nova postura profissional, numa nova visão das relações que permeiam o cotidiano escolar e a carreira docente, e ainda, no respeito e no reconhecimento da diversidade étnico-cultural (Gomes, 1996, p. 1).

O apoio que não se encontra na escola, também não se encontra fora dela. Muitas vezes são os amigos ou a família que esconde, denigre e impõe. Como afirma Maria Aparecida Bento (2014), a exclusão moral é o primeiro passo para o descrédito do outro enquanto indivíduo: “Os excluídos

moralmente são considerados sem valor, indignos e, portanto, passíveis de serem prejudicados ou explorados” (Bento, 2014, p. 10). O relato a seguir fala exatamente das consequências desse descrédito e das marcas por ele deixadas:

### *Relato 5: Raquel*

*“Muitos foram os momentos em que fui discriminada, tanto por ser mulher, como por ser negra, onde em muitos momentos pensei ser "normal", apesar de me entristecer. O que marcou foi o dia em que eu estava na porta de casa, sentada, distraída e senti uma mão deslizando pelos meus cabelos e escorregando pelas minhas costas. Por susto ou instinto, empurrei a pessoa e dei um tapa, sem saber quem era. Quando percebi era um rapaz, estudante de direito de 20 anos, com uma família de boa situação financeira, que morava próximo a minha casa, sem nenhuma intimidade, e que começou a gritar comigo e dizer que eu não podia fazer aquilo, apontando para mim e para o braço dele, afirmando que eu sou negra e ele branco! Fiquei paralisada, sem entender o que estava acontecendo. Uma situação de impotência e constrangimento. Nenhuma pessoa que contei me apoiou, falaram que eu menti e não fizeram nada que pudesse me ajudar, ao ponto de me envergonhar e não contar para ninguém. Anos depois o rapaz foi preso por outros motivos, e quando foi solto me viu e falou comigo normalmente, como se nada tivesse acontecido”.*

E quando o preconceito está nos amigos ou no desconhecido. Como lidar com a força



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

da família e se entender como abusada dentro de sua casa, por pessoas que confia. Quando é recriminada por ser quem é, por sua crença, por sua beleza, por sua força, por sua cor. O relato a seguir conta um pouco da discriminação entre os seus:

### *Relato 6: Elisângela*

*“Eu nasci e me criei dentro de uma casa de Santo. Minha avó era yalórixá. Minha mãe por sua vez mesmo sendo da casa não aceitava, ter uma filha que nascera para o santo e com as chagas do orixá. Por mais que ela não quisesse, eu não podia fugir da minha realidade. Então passei a viver a dualidade religiosa: O Catolicismo X Candomblé, até o dia em que o padre não aceitou fazer minha primeira comunhão. Logo depois precisei por conta do orixá fazer o santo aos 10 anos de idade. Nossa como foi difícil, passei a não ter amigos. Porque eu era a neta macumbeira, a gordinha da macumba. Ao 13 anos, resolvo fazer parte de um grupo Afro que surgiu no bairro, onde sofri muitos preconceitos: eu era a gorda que dançava. O que me entristeceu muito e me fez questionar: Como aquilo acontecia dentro de um grupo que combatia o racismo, o preconceito? Terminei saindo do grupo e por um bom tempo, vivi de desistir das coisas e não tinha coragem de lutar por nada. Hoje assumo minha negritude e meu lugar social e apesar de ainda passar por preconceitos estou aprendendo a dizer não e seguir em frente”.*

As mulheres negras que se descobrem na religião de afrodescendência tem outra luta pela frente, o lugar social dessa religião.

Como afirma Rocha (2014), as religiões são o lugar de fala mais frágil, onde conflitos parecem ser mais intensificados:

As dificuldades em reconhecer o direito da liberdade de expressão religiosa estão associadas por um lado, aos preconceitos em relação às manifestações de fé dos negros na sociedade brasileira e ao proselitismo – o desejo de aumentar o número dos fiéis de uma determinada denominação religiosa. (...) A intolerância religiosa é um posicionamento político e desencadeia uma prática de violência que pode ser ora simbólica, psicológica e até mesmo física, constituindo-se em atentado ao exercício da cidadania, dos direitos elementares da pessoa humana e da dignidade humana (Rocha, 2014, p. 102).

Os problemas associados as jovens negras vão além dos associados a adotar uma religião. As jovens negras no Brasil estão em risco diário, tanto de vida, quanto em sua integridade moral, passando por violências domésticas e abusos constantes, pois sofrem preconceito de gênero e racial, o que leva diretamente a pensar que essas mulheres estão nas classes sociais mais baixas, de acordo com Oliveira (2006). Esse terceiro fator só reforça a necessidade de reflexão e intervenção da Universidade sobre essa realidade. O relato a seguir demonstra um pouco dessa realidade para a mulher que não nasceu mulher, mas que se identifica como



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

tal. As dificuldades são violentas e vem a qualquer hora e em qualquer lugar, como o próximo relato mostra:

### Relato 7: Kemyllle

*Ir ao supermercado é um hábito comum para todo mundo, mas ser agredida na fila do caixa não. Eu estava quieta na fila do caixa, desde sempre me vi como mulher e adotar meu nome social foi libertador. Estou cada dia aprendendo que nem sempre o grito resolve, mas na fila do supermercado senti medo e raiva, apesar de não ter conseguido falar nada. Um senhor na minha frente começou a reclamar do nada, como se eu não estivesse ali que era um absurdo ter que conviver com um “ser” como eu. Ouvir isso e conseguir ficar calada já foi para mim uma prova, mas o homem não se deu por satisfeito, começou a gritar que eu não devia existir, entre outros insultos e chegou perto de mim, me empurrando, batendo no meu ombro. Em outras ocasiões eu teria gritado com ele e também xingado, mas não consegui, não queria perder a razão. Além disso, a proximidade e a agressividade do homem me trouxe ao medo. Respirei fundo várias vezes, a moça do caixa ficou horrorizada e ainda tentou falar com o homem, o empacotador saiu de perto com raiva, mas o homem continuou. Quando ele foi embora, alguns vieram me apoiar, me senti confusa. Ainda não sei bem lidar com essas situações agressivas. Estou aprendendo.*

Os dados levantados por Waiselfisz (2015), apontam que entre 2003 e 2013, os homicídios ocorridos em mulheres brancas tiveram queda de 9,8%, já os homicídios de

negras aumentaram em 54,2%, no mesmo período. Os casos de violência normalmente não são denunciados, pois as vítimas são julgadas nas delegacias e não amparadas.

Como no último relato a seguir:

### Relato 8: Alessandra

*Eu estava voltando para casa num coletivo no fim de semana e me deparei com um ônibus com poucas mulheres, o cobrador olhando para a frente do ônibus e um homem no fundo do ônibus. Entrei e sentei, então o homem sentou ao meu lado e declarou que estava com uma faca, pediu o celular, como eu escondia na calcinha afirmei que não estava com ele, só com o cartão da passagem de ônibus, também não tinha bolsa. Achei que ele ia embora quando não me visse com nada, tentei me levantar, ele me ameaçou, e o cobrador não olhava, não virava. Ele começou a me alisar e ameaçou que se eu fizesse qualquer movimento ou falasse ele me esfaquearia. Fiquei paralisada, ele passou a mão em mim e guiou a minha mão para que ele chegasse ao orgasmo. Doloroso, aterrorizador, um lixo. Ele desceu do ônibus como se nada tivesse acontecido me deixando suja. Uma moça se levantou para me questionar porque eu chorava, tinham cinco pessoas no ônibus além de mim e do homem, mas ninguém viu nada, ou não quis ver. Fui a delegacia para passar por mais vergonha e humilhação, desacreditada, fiz a queixa e voltei várias vezes para saber se teria alguma possibilidade de inquérito, mas a sensação de impunidade e impotência ainda é forte.*

Em Maceió, a capital do estado de Alagoas, com 932.748 habitantes, com uma



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

área de 509.552 km<sup>2</sup>, considerada uma das menores capitais do país, o IDHM de 0,631 é o pior resultado de áreas metropolitanas. Salientando que a capital também ocupa as primeiras posições em homicídios de jovens. É a capital com a maior taxa de feminicídios no Nordeste, e nacionalmente está abaixo apenas de Vitória, capital do Espírito Santo, dados de 2016.

Já o estado de Alagoas é conhecido também como as terras de Dandara, uma lutadora, esposa de Zumbi, que suicidou-se para não voltar a condição de escrava, e esse fator está sendo levantado por vários movimentos tanto negros, quanto feministas, em Maceió na atualidade.

### **Conclusões**

Trabalhar esses movimentos dentro da Universidade também é uma das vertentes deste projeto. Considerando que os lugares destinados às mulheres negras são empregos precarizados, salários baixos, as triplas jornadas de trabalho, a falta de creches e escolas para os filhos, questões de empoderamento e liberdade são gritos cada vez mais levantados e vozes ardentes.

A Universidade precisa cada vez mais intervir para possibilitar que mais vozes

femininas negras se firmem, fortes e preponderantes socialmente.

Além disso, Maceió tem um potencial econômico na área cultural que não é explorado de forma profissional e integrada. Ações pontuais de apoio a profissionalização de produtoras, ampliando o mercado de trabalho e as vagas de técnicos na cultura, são fundamentais.

O projeto visa a formação de novas profissionais que busquem a ampliação de caminhos para cultura negra, sem perder a visão do global, mas atuando em suas localidades de origem.

Assim, o Jovens Negras Produtoras de Cultura visa incentivar o estudo, a profissionalização e a oportunidade de futuro para jovens negras que estão vulneráveis às questões de violência, discriminação e abuso.

### **Agradecimentos**

A todas as oito Jong@s que desenvolvem o projeto Jovens Negras Produtoras Culturais, junto com a coordenadora e idealizadora do projeto Anna Rodrigues, e mantém firmes a luta por direitos iguais, respeito e profissionalismo, dentro e fora da Universidade, marcando um novo horizonte para a arte e a mulher alagoana.





**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## Referências

ALVES, Maria Aparecida. **Políticas públicas de cultura e o trabalho técnico no campo da produção cultural**. São Paulo: APPRIS, 2012.

ARAÚJO, Sérgio Sobreira. **Produção cultural no contexto das políticas públicas: análise da trajetória do teatro baiano profissional no período de 1988 a 2010**. (tese doutorado). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, uma 2011.

AVELAR, Rômulo. **O Averso da Cena: notas sobre produção e gestão cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2010.

BARROS, Alice Monteiro de. **As relações de trabalho no espetáculo**. São Paulo: LTR, 2003.

BENHAMOU, Françoise. **A economia da cultura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Racismo Institucional: fórum de debates, educação e saúde**. Disponível em: <<http://www.cehmob.org.br/wp-content/uploads/2014/08/Caderno-Racismo.pdf#page=5>>. Belo Horizonte: Cehmob, 2014.

BRANT, Leonardo. **Uma abordagem multidimensional para a atividade cultural**. In Revista Observatório Itaú Cultural. n. 6 (jul/set 2008). São Paulo: Itaú Cultural, 2008. p. 74-81.

CALIL, Carlos Augusto. Sede de Cultura. in COELHO, Teixeira (org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2008. p. 161-172.

CARNEIRO. Sueli e SANTOS, Tereza. **Mulher negra**. São Paulo, Conselho Estadual da Condição Feminina / Nobel, 1985.

COELHO NETTO, Jose Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

COSTA NETTO, Jose Carlos & FRANCEZ, Andréa & D'ANTINO, Sérgio Famá. **Manual do direito do entretenimento – Guia de produção cultural**. 2 ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

CUNHA, Maria Helena Melo da. **Gestão cultural: profissão em formação**. (dissertação de mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de Minas Gerais, 2005.

FISCHER, Micky. **Marketing cultural**. São Paulo: Global, 2002. P. 43 – 45.

FISCHER, Stela Regina. **Processo colaborativo: experiências de companhias**



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

**teatrais brasileiras nos anos 90.** (dissertação de mestrado). Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, 2003.

GIROUD, Françoise. **Cosima: a sublime.** Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.

GOMES, Nilma Lino. Mulheres Negras e Educação: Trajetórias de Vida, Histórias de Luta. **Revista Cadernos Pagu**, Unicamp, 1996, n. 6 e 7.

HEINRICH, Bettina. Mudando cidades: um papel para a política cultural urbana. In COELHO, Teixeira (Org.). **A cultura pela cidade.** São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2008. p. 87-101.

LE CROSNIER, Hervé. Repensar os direitos do autor. in CRIBARI, Isabela (org.). **Produção cultural e propriedade intelectual.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006. p. 142-149.

LIMA, Márcia. Trajetória educacional e realização socioeconômica das mulheres negras brasileiras. **Revista Estudos Feministas.** IFCS/UFRJ, vol. 3, n. 2, 1995.

LOBO, Carla Maria. **Diário de produção.** Belo Horizonte: edição autoral, 2009.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. **Jornal Maioria Falante**, fev./mar. 1990.

OLIVEIRA, Fátima. **Oficinas mulher negra e saúde.** Belo Horizonte, Mazza Edições, 1998.

OLIVEIRA, Nadir Nobrega. O corpo e a dança negra no cenário artístico Soteropolitano. **Revista Palmares.** Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/61%20a%2063.pdf>>.

União dos Palmares: Fundação Cultural Palmares, 2005.

PLATAFORMA POLÍTICA FEMINISTA, aprovada na Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras. Brasília, 6-7 jun. 2002  
PLATAFORMA DA IV CONFERÊNCIA MUNDIAL DA MULHER. Nações Unidas, 1995.

ROCHA, Geraldo da. Violência política e intolerância religiosa: uma análise à luz da comunidade negra no Brasil. **InterSciencePlace.** Disponível em: <<http://interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/283/280>>. v. 1, n. 29, 2014.

RODRIGUES, A. C. Q. **O Perfil do Produtor de Teatro em Maceió:** características do modo de fazer nos grupos de teatro atuantes em 2013. Mauritius, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2017.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

RUBIM, Antonio Albino Canelas & ROCHA, Renata (org.) **Políticas culturais**. Salvador: UFBA, 2012.

SCHUMAHER, Schuma. **Gogó de emas**: a participação das mulheres na história do Estado de Alagoas. Rio de Janeiro: REDEH e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

SIFUENTES, Monica. "Direito & Justiça". **Jornal Correio Braziliense**, Brasília, 18/2/2002.

SILVA, Antônio Carlos de Araújo Silva. **A encenação no coletivo**: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo. (tese de doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Paula Camilla Soares e BRAGA, Ângela Márcia da Silva. Transição Capilar: O cabelo como instrumento de política e libertação através da identidade e suas influências. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0059-1.pdf>>.

Uberlândia: Intercom, 2015.

SOUZA, Eduardo Fragoaz. **A moeda da arte**: a dinâmica do campo artístico e econômico no patrocínio do CCBB (tese de doutorado).

Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SUAREZ, Mireya e BANDEIRA, Lourdes. A politização da violência contra a mulher e o fortalecimento da cidadania. In BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Cristina (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. Fundação Carlos Chagas/Editora 34, São Paulo, 2002.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira**: o que é e como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

VILHENA, Deolinda Catarina França de. Produção Teatral, da Prática à Teoria. **Anais do V Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - Abrace**. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2011.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre a arte e a ciência. 3ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2006.